

Este trabalho é parte do projeto “Seios Fartos, filhos fortes: a Liga Brasileira de Higiene Mental e o Brasil Moderno” do grupo de pesquisa Estudos Culturais e Modos de Subjetivação do núcleo e-politics do PPGPSI/UFRGS. Tal projeto analisa o periódico “Archivos Brasileiros de Hygiene Mental” publicado pela Liga Brasileira de Hygiene Mental nas décadas de 1920 a 1940 para discutir as concepções eugênico-higiênicas que no periódico se evidenciam e o papel que essas concepções, fundamentadas no saber da psicologia, cumprem num momento crucial para a formação do estado democrático brasileiro. O texto a ser apresentado analisa os primeiros números desse periódico (1925-1930) e faz a partir deles uma discussão das estratégias de investimento no capital humano propostas pelos higienistas que publicam o periódico. Articulado a isso é feita uma discussão do contexto histórico-econômico vivido no Brasil naquele momento que torna legítima essa intervenção normatizadora. Para a análise será utilizado o conceito foucaultiano de biopoder como aquele que discute a tomada de poder sobre a vida das pessoas sob a forma de estatização do biológico. Com isso, aponta-se que o discurso da “hygiene mental”, anunciado como preocupado com a saúde do povo, serviu como saber legitimador de uma série de políticas de manejo social que se preocuparam em “ordenar” e fazer “progredir” o Brasil moderno. Os Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, seguindo a onda de reverendo à modernidade ajudaram a produzir a noção de homem são, portanto apto ao trabalho; e também a de homem degenerado, portanto desajustado e que deve ocupar as margens da cidade e do progresso, para não mais atrasar o país.